

ENTREVISTA: JESUS CORREIA ■ REPORTAGEM: SOBREVIVENTES À FOME ■ ENSAIO: 20 ANOS DE PUNK



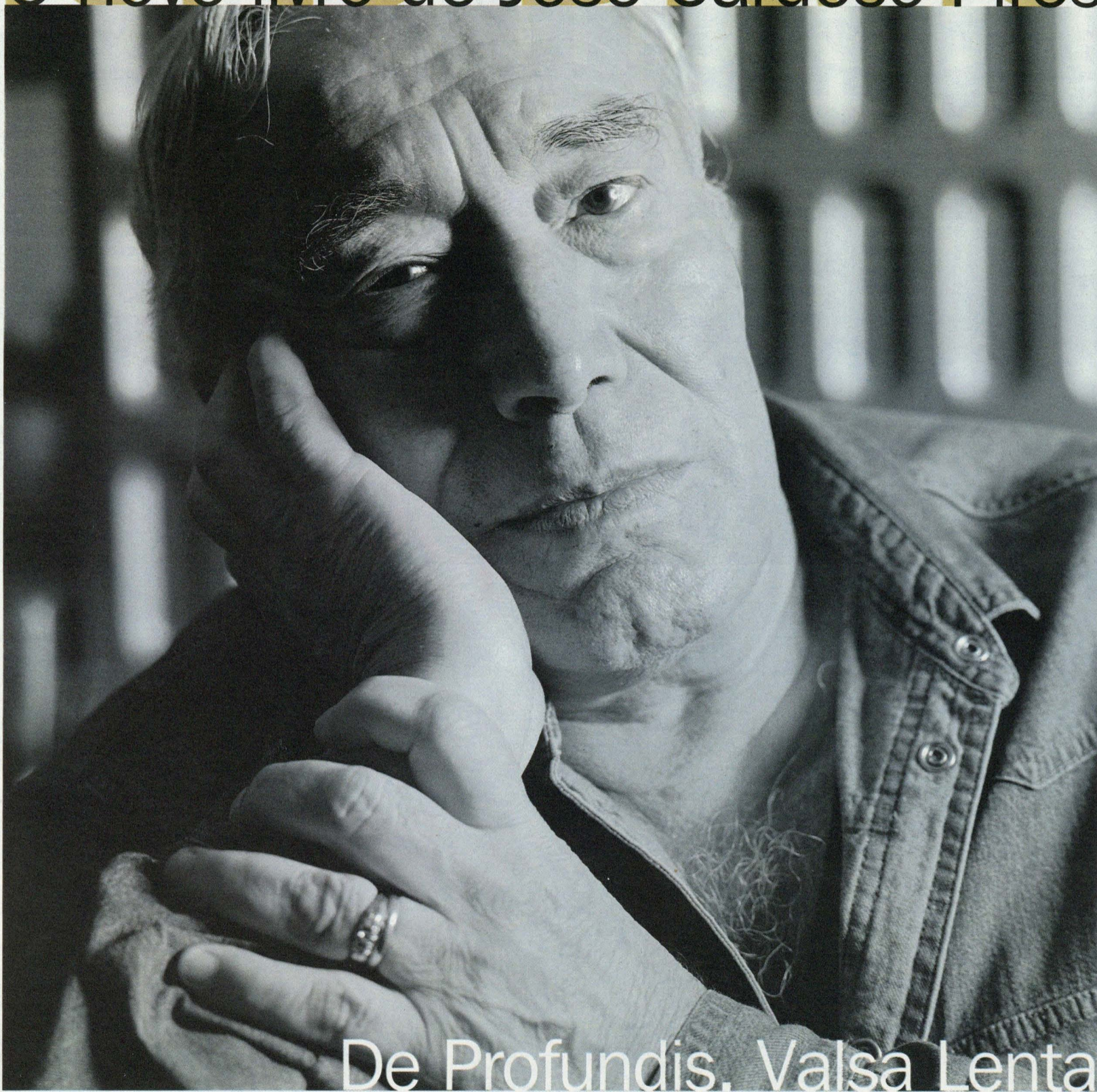
De repente viro-me para a minha mulher: «Como é que tu te chamas?». Pausa. «Eu? Edite». Nova pausa. «E tu?». «Parece que é Cardoso Pires», respondi então.

## E agora, José?

EXCLUSIVO DNA: PUBLICAMOS ALGUMAS PÁGINAS DO NOVO LIVRO DE JOSÉ CARDOSO PIRES, «DE PROFUNDIS, VALSA LENTA», A NARRAÇÃO DA «MORTE CEREBRAL» QUE O ESCRITOR VIVEU HÁ UM ANO

# Morte Branca

O novo livro de José Cardoso Pires



De Profundis, Valsa Lenta

Imagine-se um homem a acordar de um sono profundo, mais profundo que o sono, mais silencioso que a noite. Diferente da morte, porque dele se pode acordar, mas um pouco semelhante, também, porque vem das trevas e não tem memória logo ali, quando se acorda. «De Profundis, Valsa Lenta», de José Cardoso Pires, lançado esta semana (Dom Quixote), trata da «morte cerebral». É o relato — autobiográfico — de uma experiência dramática, vivida há dois anos pelo escritor. Diz João Lobo Antunes, que prefacia o livro, que esta forma de tratar o assunto, pela mão de Cardoso Pires, é inovadora e pode ajudar ao conhecimento da matéria médica. Mas o livro serve, sobretudo, para assinalar o regresso de um grande escritor

Janeiro de 1995, quinta-feira. Em roupa e de cigarro apagado nos dedos, sentei-me à mesa do pequeno almoço onde já estava a minha mulher com a Sylvie e o António que tinham chegado na véspera a Portugal. Acho que dei os bons-dias e que, embora calmo, trazia uma palidez de cera. Foi numa manhã cinzenta que nunca mais esquecerei, as pessoas a falarem não sei de quê e eu a correr a sala com o olhar, o chão, as paredes, o enorme plátano por trás da varanda. Parei na chávena de chá e fiquei. Sinto mal, nunca me senti assim, murmurei numa fria

tranquilidade.

Silêncio brusco. Eu e a chávena de baixo dos meus olhos. De repente viro-me para a minha mulher: «Como é que tu te chamas?»

Pausa. «Eu? Edite.» Nova pausa. «E tu?»

«Parece que é Cardoso Pires», respondi então.

**«E agora, José? [...] você marcha, José! José, para onde?»**

Carlos Drummond de Andrade

Ainda hoje estou a ouvir aquele «é». Es-

pantoso como bruscamente o meu eu se transformou ali noutra alguém, noutra personagem menos imediato e menos concreto.

Nesta introdução à perda de identidade que um transtorno do cérebro tinha acabado de desencadear, o que me parece desde logo implacável e irreversível é a precisão com que em tão rápido espaço de tempo fui desapossado das minhas relações com o mundo e comigo próprio. Como se acabasse de dar início a um processo de despersonalização, eu tinha-me transferido para um sujeito na terceira pessoa (Ele, ou o meu nome, é) que ainda por cima se tornava mais alheio e mais abstracto pela imprecisão parece que. Além disso, a circunstância de ter respondido à Edite com o apelido e não com o meu primeiro nome, o mais cúmplice entre marido e mulher e o único que nos era natural, é outro indício do distanciamento provocado pelo golpe de azar que me destituíra de memória e de passado.

Ele, o Outro. O outro de mim. Em menos de nada, já a Edite falava ao telefone com os médicos sobre esse alguém impessoal que eu estava a começar a ser. Ouvia-a do meio do hall em grande serenidade. Sabia, tenho essa ideia, que alguma coisa se estava a passar comigo, uma coisa oculta, activa, mas nessa altura já principiava a ouvir e a sentir só de passagem, sem registar. (Mesmo assim tinha algum conhecimento da ansiedade que me rodeava: Isto não vai ser nada, creio ter dito à Sylvie quando a descobri no corredor, atenta aos telefonemas da Edite.)

Lembro-me de que essa manhã foi invadida por um aguaceiro desalmado, ouvia-se uma chuva grossa e pesada lá fora mas deve ter sido passageira porque quando acabou a Edite ainda estava ao telefone. A partir de então tudo o que sei é que me pus ao espelho da casa de banho a barbear-me com a passividade de quem está a barbear um ausente - e foi ali.

Sim, foi ali. Tanto quanto é possível localizar-se uma fracção mais que secreta de vida, foi naquele lugar e naquele instante que eu, frente a frente com a minha imagem no espelho mas já desligado dela, me transferi para um Outro sem nome e sem memória e por consequência incapaz da menor relação passado-presente, de imagem-objecto, do eu com outro alguém ou do real com a visão que o abstracto contém. Ele. O mesmo que a mulher (Edite, chama-se a ela mas nada garante que esse homem ainda lhe conheça o nome, que não a considere apenas um facto, uma presença) exacto, esse mesmo Ele, o tal que a Edite irá encontrar, não tarda muito, a pentear-se com uma escova de dentes antes de partirem de urgência para o Hospital de Santa Maria e o mesmo que, dias depois, uma enfermeira surpreenderá em igual operação ao espelho do lavatório do quarto.

Dias depois, quando?

Sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto. Perde-se a vida anterior. E a interior, bem entendido, porque sem referências do passado morrem os afectos e os laços sentimentais. E a noção do tempo que relaciona as imagens do passado e que lhes dá a luz e o tom que as datam e as tornam significantes, também isso se perde porque a memória, aprendi por mim, é indispensável para que o tempo não só possa ser medido como sentido. Assim, ao ver o meu Outro eu a pentear-se com uma escova de dentes num quarto de hospital (conforme me contaram depois) pergun-

to-me quantas vezes lhe aconteceu aqui e logo de instante vejo uma enfermeira a aparecer-lhe por trás e a trocar-lhe a escova pelo pente, sem um comentário, sem uma palavra sequer, pura e simplesmente na prática de quem executa uma rotina. E ele a obedecer-lhe sem a menor resistência, ele como que a cumprir a parte que lhe compete nessa rotina. Sempre este jogo?, pergunto.

Talvez. É possível que a aceitação apática do erro se devesse à sua incapacidade mnemónica de relacionar - e portanto de questionar. Possível. Para ele, agora ou ontem tudo era outrora, mundo alheio ou como tal. E desinteresse. O constante e desinteressado desinteresse do homem desabitado de pessoas e de lugares, de tempo e de sentimentos.

Apatia, nesse caso? Nesta fase do processo admito que não se tratasse propriamente de apatia, os médicos é que poderão dizer. Que eu saiba, ele ao princípio sabia-se doente. Ou teria uma percepção limiar da impossibilidade de se conjugar com os outros, uma impossibilidade com a qual convivía numa aceitação natural. Recordo-me até de que ao observar uma coisa que lhe chamasse a atenção a punha instintivamente de parte porque

## Sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto. Perde-se a vida anterior. E a interior, porque sem referências do passado morrem os afectos e os laços sentimentais. E a noção do tempo que relaciona as imagens do passado e que lhes dá a luz

tinha como certo que um segundo depois a iria esquecer.

Ouvir e perceber enquanto ouvia mas apagar prontamente, era o traçado em que ele se movia. Ouvir e apagar logo-logo. Apagar. E ver, ver também contava. Ver pessoas (figuras) através dum vidro mudo e perdê-las acto contínuo. Tudo sem angústia, como quem preenchesse o tempo numa serenidade terminal. Como quem, na desertificação que o invadia, fosse avançando para a morte cerebral num cenário de contornos indiferentes.

Nas «Poesias» de Drummond de Andrade que tenho acolá na estante, José marchava. Mas para onde, José?

**«Já não sou eu, mas outro que mal acaba de começar»**

Samuel Beckett

Brancura hospitalar, murmurada e sonâmbula, esta aqui. Uma atmosfera de quietude sulcada por palavras sem rasto. O universo para onde desertou esse outro que eu acompanhei com as esvaídas recordações que trouxe dele ou com os relatos da minha mulher e dos amigos que me visitaram era assim.

Da mesa onde agora estou a escrever, sigo-me nesse discurso. Ou, antes, sigo-o a Ele desde que entrou, lado a lado com a Edite, na recepção do Hospital onde o esperava um médico das nossas relações. Suponho que o reconheceu. Reconheceu-o com certeza mas provavelmente só de figura, isolado de qualquer contexto. Ou não? «Sabe quem eu sou?», perguntou-lhe o médico. «Sei», foi a resposta, «não me lembro é do nome.»

Dito isto, nem mais uma palavra. Subida ao Calvário num elevador carregado de macas com doentes de olhos fechados (foi a imagem que eu fixei) e lá muito no alto, muito no fim, uma voz de óculos cintilantes numa primeira observação: «O mais provável é ter de ficar internado.»

E logo Ele muito rápido: «Internado, não.» (Aí já se se deixa ver que era ainda um último resto de mim que protestava.)

Desse momento em diante vi-o, de corredor em corredor, a ser conduzido aos puzzles da tecnologia clínica, chapa a chapa, registo a registo, análises, electrocardiografias, exames da fala e da escrita, um TAC, uma inspecção às carótidas, mas o que é que eu estou a fazer aqui, perguntava ele quando o deixavam sozinho com a mulher.

recurso à cirurgia com largas perspectivas de solução, explicou à Edite um especialista do Serviço de Neurologia. Assim, acrescentou ele, a situação apresentava-se bastante difícil, um caso de esquiemia com recuperação lenta e frequentemente incompleta. Do ponto de vista motor nada que justificasse preocupações, o doente bastava-se a si próprio. Mas o centro da fala e da escrita estava profundamente afectado e podia conduzir a uma sobrevivência em incomunicabilidade total.

Incomunicabilidade, pois. Incomunicabilidade total. Nem voz nem escrita e nem leitura tão-pouco. Morte cerebral, foi com esta expressão que a Agência Lusa passou a notícia à Imprensa para o outro lado dos muros do Hospital de Santa Maria. Morte branca, aponto eu ao alto desta página em que estou a reconstituir passo a passo esse Outro que, de mão na mão com a Edite, se encaminha para o quarto onde vai ser internado.

Vai sem ver, percebe-se. Vai, foi. Seguiu. E quando lá chegou não sei se já estava entregue por inteiro à sem-vontade que o alheava do que acontecia nele e à volta dele, não sei, não faço ideia. Mas, estivesse ou não estivesse, no quarto que lhe tinham destinado havia dois vultos a espia-lo em duas camas. Viam-no também sob lençóis mas de rosto ao alto e a sorrir. A sorrir? Seria um traço pálido na palidez geral que se supôs dirigido à enfermeira que o estava a ligar ao soro, embora não a olhasse sequer. Ou um sorriso para com ele e mais ninguém, outra hipótese. De qualquer maneira estava imóvel e a sorrir, imagine-se. Assim o viam os dois doentes com quem ele ia ficar e assim o estou eu a descrever, passados dois anos sobre essa hora: branco, branco, em luz gelada e com a mulher à cabeceira a segurar-lhe a mão. Preso a ela mas todo voltado para a distância.

Assim, também, o foi encontrar uma jovem médica que o veio observar com as primeiras perguntas no tom de quem vem de recado pensado.

Perguntas a aviar, é bom que se diga, pelo menos foi o que lhe pareceu a ele uma abordagem daquelas e como tal, com respostas prontas é que a devia despachar. Estropiadas ou não, respostas prontas e o rosto eternamente apontado para uma vastidão qualquer. Seria realmente uma vastidão, um espaço ermo, para onde ele olhava? Pouco importa. Horizonte, interrogação ou nada, era nessa direcção que ele estava a responder ao exame e infelizmente com o descanso e a irresponsabilidade que eram de prever, parecia anotar a médica pela maneira de o escutar, pelo insólito dos desacertos com que ele correspondia ao diagnóstico que lhe tinha sido atribuído, confirmava a médica com o silêncio do olhar, claro, tudo certo, tudo conforme, «agora», despediu-se dela, «o que é preciso é pôr-se bom depressa para voltar a escrever. De acordo?»

Escrever?

O que restaria de mim no homem que ficou para ali estendido à espera de coisa nenhuma?

Deve ser uma abstracção nebulosa estar-se assim, numa ilha de naufragos, preso ao soro que nos chega por um fio ligado a uma hipótese de vida. Três naufragos ao todo: não esquecer que naquele quarto há ainda dois vultos tão nulos que os toma como ausentes. Insisto nisto porque aos olhos dele essas criaturas devem ser duas sombras, pouco mais. Duas sombras espalmadas em dois leitos de hospital, a observá-lo para o decifram, saber de quem se trata, qual o seu porquê

e o seu rumo.

Uma dessas sombras durante a noite ronca estrepitosamente, mas o Outro que eu sou ali dará por isso? Se der, esquece.

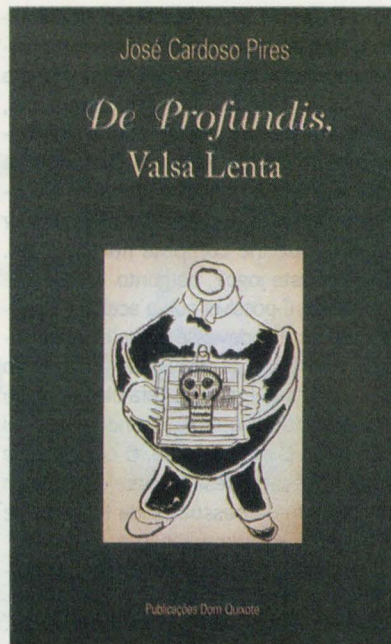
Deixaram-no atrás duma janela sem paisagem, em tempo velado, oco. Quando menos espero descubro que alguém se aproxima dele com uma ficha de doente na mão. Outra médica. Fala-lhe com simpatia atenta, perguntas sobre perguntas. Aponta-lhe a chávena que está em cima da mesa de cabeceira: Que é isto? Pára. Espera, a olhá-lo. A seguir uma esferográfica: E isto? E isto?, pergunta ainda, com uma chave ou outra coisa na mão.

Ele percebe que o estão a investigar, por mais anulado que se encontre não se considera tão à margem como isso. Percebe, não tenho dúvida (recordo essa minha reacção no primeiro interrogatório) mas o que ele ignora é que já não identifica os objectos que lhe apresentam: um lenço, um anel, a moeda tirada ao acaso do bolso da bata, na prática objectos mais que simples da circulação comum, e principalmente relógios, relógios de pulso, os ponteiros e a leitura das horas. Pois, relógios. O Outro de mim naturalmente que os conhece como peças, instrumentos, sem interior, sem razão, mas eu diria que

só de vista porque os isolara de referências. Exactamente como lhe acontecia com as pessoas que outrora lhe tinham sido mais próximas.

Tempo depois, quando a família e os amigos me descreveram a passear de alma ausente pelo anoitecer da memória, é que eu soube como era desvairada a nomenclatura que ele atribuía aos objectos questionados ou àqueles que, de longe em longe, pretendia enunciar. «Simosos» (?), por exemplo, funcionava a vários significados. Tanto podia ser «gilete» como «óculos» ou «arrastadeira», dependia de qualquer indecisão de momento, quer-me parecer. «Cachimbo», uma peça que nunca na vida teve alguma coisa a ver comigo, tomou-a ele como sinónimo de «chinelas, chinelas de quarto». E, como estas, várias outras designações de sentido aleatório ou incapaz de ser traduzidas por que inclusivamente as pronunciava com distorções.

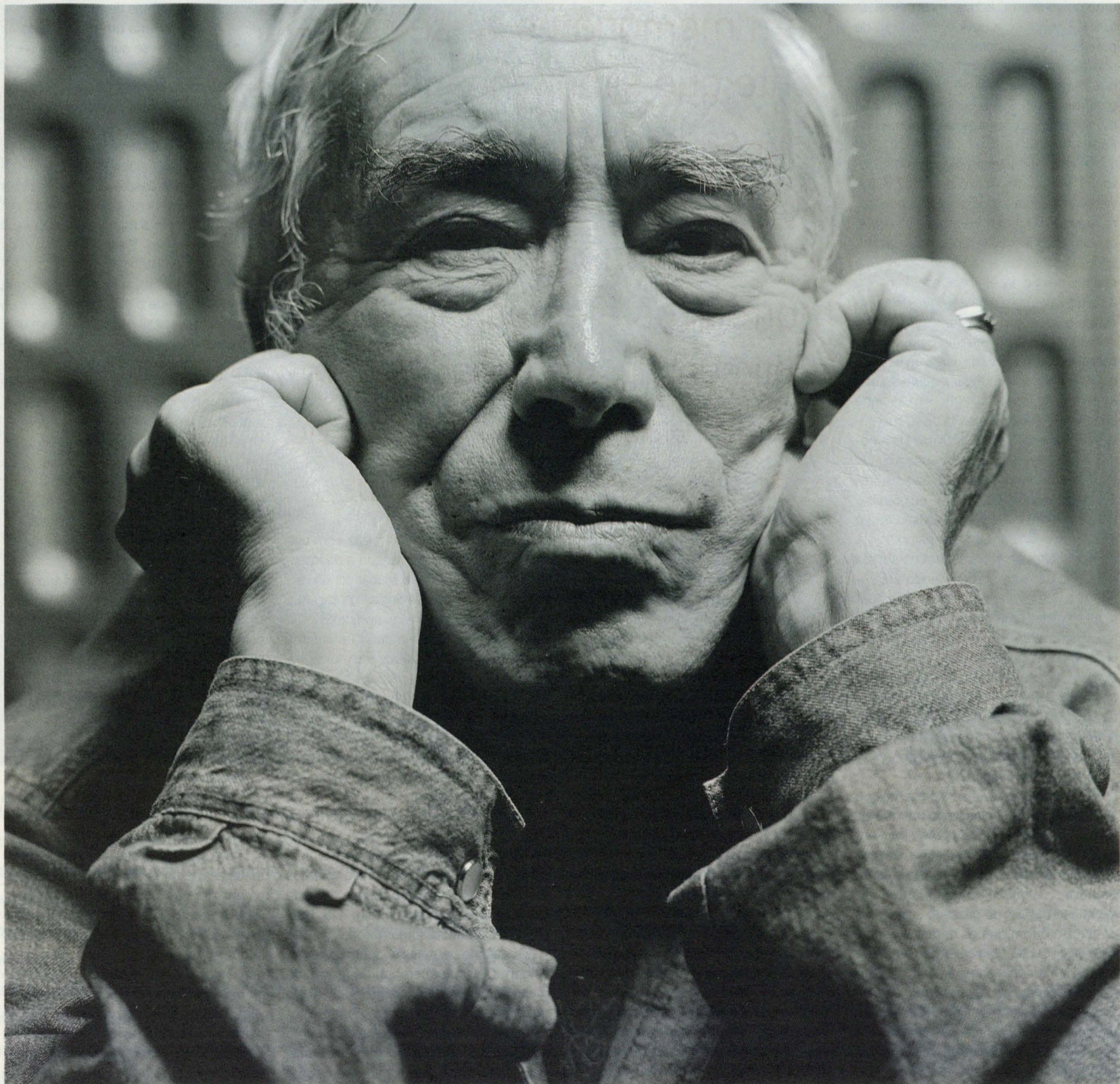
Se não o entendiam quando perguntava esquecia e passava adiante (remetia-se ao seu horizonte descampado). Mas quando era perguntado (nos exames iniciais da memória, é daí que me vem essa lembrança) entendia ou intuía que o estavam a experimentar em perspicácias ingénuas e com o seu quê de ridículo. Eram



*Jose Cardoso Pires*

um estendal de desperdícios mais que vistos e sabidos, aqueles testes. Um jogo em faz-de-conta frustrado logo à partida, pensaria ele naquela altura e quem sabe se não sorria tristemente por dentro. No fundo, essa atitude não era mais que a costumada desconfiança do doente em terreno de risco e de valores desconhecidos, a sempre prevenção contra a subestima ou a humilhação ao julgar-se avaliado por um teste primaríssimo em que colaborava, que remédio, com uma complacência resignada e até com uma sombra de ironia. Ironia, seria nisso que ele tentava compensar-se?

Deterninadamente, não. Assumir a observação que pressupõe a ironia com a captação de sinais que ela requer não me parece fácil nas condições em que o meu Outro divagava. No entanto, muito para com ele e para comigo, houve pelo menos uma vez em que essa intenção teve lugar. Com alguma clareza - ou quase - e de tal modo que ainda hoje tenho como certo que mesmo num farrapo de indivíduo a despojar-se de memória (e portanto de imaginação) podem despontar por vezes fragmentos de ironia como instintos culturais, se assim lhes é possível chamar, que são resíduos do passado que ele apa-



gou. Será uma ironia coitada, não digo que não, mas de qualquer modo uma ironia. Um esforço de resposta muito para ele, muito para se compensar da situação de desvantagem em que se pressente. Um esbracejar do seu lado crítico, direi agora, um esbracejar. Um iludir o caos da irreflexão.

A prova dum impulso de afirmação deste tipo está na minha resposta ao exercício que um dia me propôs a neurologista que dirigia o meu tratamento («Onze menos nove quantos são?») apresentando-lhe a primeira solução - engenhosa, pretendia eu - que me veio à cabeça: «Nada, senhora doutora. Qualquer coisa nove fora é nada».

(O segredar da infância a assaltar-me numa brincadeira de tabuada, apetece-me anotar neste ponto da minha narração. Eu há anos, há séculos, na Escola primária do Largo do Leão, em Lisboa, a declamar o «nove, nove fora, nada»).

Acrescento ao comentário que foi no decorrer desse interrogatório que fixei como uma marca pessoalíssima daquela médica a correia bordada a cores no relógio que ela usava.

Demoro-me um pouco sobre as fotocópias da caligrafia desse homem nos tes-

se chamam?»

«Temos duas filhas. A Ana e a Rita», responde ela.

«Rua?»

«Não. Rita», diz a Edite.

E ele: «Pois, Rua.» (Pensava ter dito Rita, é evidente). «Então e o António Nuno?»

Edite: «O António Nuno era teu irmão, morreu há muito tempo. Nós, além das filhas, temos dois netos».

Ele: «Pois, dois netos. Como é que eles se chamam?»

Edite: «Joana e Rui.»

Ele: «Rui. Que nome tão feio.»

Os nomes. A preocupação de se reconhecer vivo, identificando-se pela identificação dos outros. Durante a travessia das trevas brancas os diálogos com a Edite foram em grande parte uma busca de referências, um inquérito em total inconsciência na tentativa de se recapitular para voltar a ser indivíduo com passado. A família e os visitantes que lhe apareciam quem eram? Onde vinham e que ligações tinham com ele? O pior é que rarissimamente se preocupava em os situar na sua vida (tinha aceitado que não era capaz, foi a impressão com que eu fiquei até hoje) e, quando muito, punha-se a olhá-los sem os ver.

memória cultural. A ele tal coisa estava-lhe vedada, memória onde tu já ias. Daí a total indiferença em que navegava à tona das comoções e dos afectos, uma indiferença extrema que, sucedesse o que sucedesse, não o levava a perturbar nem ao de leve a disciplina ambiente. Na verdade, não sabia de todo onde se encontrava, a razão era essa.

Atentem, atentem nele: chegam amigos a visitá-lo mas ficam-lhe no limiar da recordação. Pelo desfocar da vista, por certas expressões evasivas ou por certas insensibilidades, percebe-se que não é capaz de os localizar com clareza. A um deles, sei eu que lhe viu o olhos toldados de lágrimas e que teve um impensável vislumbre de estranheza, o que era aquilo, parecia perguntar - mas frio, terrivelmente frio.

«Na véspera de não partir nunca...»

Álvoro de Campos

Há pouco, ao transcrever aquela frase do Hemingway, lembrei-me de mim a tropeçar no meu nome quando, depois de ter sido desligado do soro, me passeava no corredor como numa galeria sem história. Evadido dos quarto e dos dois vultos de gaiola que saltitavam palavras mudas um para o outro como se fossem sopros de fumo, deslizava por entre portas e paredes duma brancura macia.

Andava por ali, eu tinha sido transposto para qualquer Alguém de mim num território satélite sem vida. Ainda que árida, a atmosfera era leve e luminosa e eu transitava pelas pessoas com um longo olhar sem rumo. Um animal a planar dentro duma redoma de vidro, é como me imagino naquela altura.

Nesse período, já o disse, as palavras que me chegavam vinham cegas. Sombras não havia nem podia haver numa claridade tão absorvente (só hoje enquanto escrevo é que dou conta disso) não havia sombras não podia haver a não ser a do Outro que andava por lá o Outro que afinal não era mais que uma sombra saída de algures de mim e a deslocar-se por si só não se sabe em que direcção nem com que objectivo uma sombra branca corrida no branco como foi que desse apagamento consegui reter alguma luzinha a brilhar até agora é coisa que ainda estou para entender mas retive retive mesmo! retive - melhor assim.

Verdade, melhor assim.

Paredes mansas, as tais paredes em alvura-pérola; por entre elas, os sons, as figuras e o tempo, tudo num deslizar suave, sem densidade. Eu, em pessoa de coisíssima nenhuma, cumpria as tardes de hospital num vaguear inocente. Mesmo assim, aconteceu saltar-me ao caminho o meu nome. Saltou-me poucas vezes é certo, três ou quatro se tanto mas era um nome que andava a monte repetido e desfigurado nos ficheiros da terapia da fala um nome a acenar-me a acenar-me

José José José

numa espécie de provocação à distância José que nome tão feio considerava eu.

«Feio». No vocabulário das trevas brancas o meu qualificativo-chave era esse e provavelmente só utilizado na refutação dos nomes das pessoas. Estava longe de adivinhar que ao voltar um dia à comunidade dos vivos, iria ouvir o mesmo comentário da boca dum herói de Wim Wenders no filme «Lisbon Story». O mesmo, sem tirar nem pôr. Com o mesmo sujeito e com a mesma frase, até. Viajante exótico duma cidade de que desconhecia em absoluto a língua, o passado e o presente. ■

## Escolhas

■ **OS GENES DA ESPERANÇA** (1997, Campo das Letras)



À descoberta do genoma humano, por Daniel Cohen, que aproveita para prestar homenagem ao seu mestre, Jean Dausset, Nobel de Medicina. Este afirma que o livro se lê como

um romance, com prazer e com a paixão de compreender. Um livro científico que não esconde o lado da diversão.

■ **HISTÓRIA DE UMA GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR** (1997, Asa)



Mais um romance de Luis Sepúlveda, traduzido por Pedro Tamen e dedicado aos filhos do escritor, a quem ele chama «os melhores tripulantes dos meus sonhos», ao porto

de Hamburgo, «porque foi aí que embarcaram», e ao gato Zorbas, evidentemente.

■ **JUNTO À GRAND CENTRAL STATION SENTEI-ME E CHOREI** (1997, Teorema)



A autora deste texto, Elizabeth Smart (1913-1986), é aqui apresentada pela tradutora, Helena Barbas. Um romance de

amor que pode ser transformado em livro de culto, graças às qualidades da sua linguagem.

■ **MULTIMÉDIA DE A A Z** (1997, Notícias)



Um dicionário dos novos modelos de comunicação, da autoria de Carlos Correia, a abrir uma nova colecção desta editora, Media & Sociedade. De «Acesso» a «Zip», numa

centena de páginas que nos ajudam a decifrar expressões essenciais dos novos caminhos (autoestradas) da informação.

■ **VINTE E CINCO PÉTALAS PARA DÉBORA** (1997, Dom Quixote)



Carlos Frias de Carvalho, poeta, perdeu uma das filhas num brutal desastre de automóvel. Os poemas recolhidos neste livro tentam exprimir o indizível dessa dor. Urbano

Tavares Rodrigues, no prefácio, salienta que se trata de páginas onde a dor se torna em beleza. A.C.

Ali o tenho, anulado e discreto. Ali me tenho, com a Edite à cabeceira. No quarto onde o arrumaram há os tais dois vultos a comunicarem de cama para cama, duas sombras falantes, se bem que as sombras mesmo que falem nunca têm voz

tes da fala e da escrita que tinha à minha frente. São um desfiar de caracteres cuneiformes traçados a desdém que ele nem se deve ter dado ao trabalho de olhar. Dessa caligrafia enlouquecida só nas últimas provas é que a assinatura tem alguma aproximação com a que me era verdadeira; nas outras mostra-se cerrada, apenas o J se mantém reconhecível. O J de José. A letra menos expontânea da minha identificação.

Sem nome e sem assinatura este que eu sou entre paredes dum hospital encontra-se numa paisagem anónima com gente anónima (o pessoal, os visitantes!). Sem nome, vejam só. E contudo, «os nomes penetram-nos até aos ossos», afirmava Hemingway, esse viajante das mortes, em «The Garden of Eden». Simplesmente, no meu homem sem memória tanto o nome que lhe pertencera como o das personagens que lhe cobriram a existência tinham enquistado e desfizeram-se em pó. Apesar disso, uma vez por outra ainda dava mostras de procurar recuperá-los:

«Eu tenho filhos, não tenho?» pergunta ele à Edite. (Eu. Uma vez mais o sujeito solitário, repare-se). «Como é que eles

Ali o tenho, anulado e discreto. Ali me tenho, com a Edite à cabeceira. No quarto onde o arrumaram há os tais dois vultos a comunicarem de cama para cama, duas sombras falantes, se bem que as sombras mesmo que falem nunca têm voz. De modo que permanece deserto e sem sobressaltos, a dias vagos e sonos limpos. Está à mercê dum coágulo que lhe trava a circulação do cérebro e anuncia um fim assustador mas dele desconhece isso, não presente sequer. Está distante, está longe. Que longe, meu Deus, pensará a Edite.

De resto, a desmemória não só o isolou da realidade objectiva como o destituiu, pode dizer-se, de sentimentos. Perdeu os estímulos de aproximação porque, sem a consciência da identidade que nos posiciona e nos define num framework de experiências e de valores, ninguém pode ser sensível à valia humana do semelhante. As suas virtudes ou os seus males só podem ser reconhecidos como significantes sentimentais em contraponto com a consciência da nossa identidade, isto é, com a tradição da comunicação que praticamos com a sociedade e com a nossa